

# TEORIA DA LITERATURA E INTERDISCIPLINARIDADE: ESPAÇO DA IMPUREZA

Ivete Lara Camargos Walty  
Maria Nazareth Soares Fonseca  
*PUC-MINAS*

Com Copérnico, o homem deixou de estar no centro do universo. Com Darwin, o homem deixou de ser o centro do reino animal. Com Marx, o homem deixou de ser o centro da história (que aliás não possui um centro). Com Freud, o homem deixou de ser o centro de si mesmo (que também nem sequer existe, é apenas um lugar vazio, uma brecha, uma voragem) e aprendeu que ele próprio é constituído por uma estrutura, a estrutura da linguagem.

Eduardo Prado Coelho<sup>1</sup>

## RESUMO:

*Este estudo constitui uma reflexão sobre o lugar da Teoria da Literatura na América Latina. A metáfora da impureza, resgatada dos estudos de Roland Barthes, é o fio condutor da trajetória que procura delinear a questão do sujeito e suas implicações na busca da identidade latino-americana.*

## PALAVRAS-CHAVE:

*Espaço da Impureza, Teoria da Literatura, Literatura Latino-Americana, Identidade Cultural.*

Este estudo é resultado de um trabalho desenvolvido numa turma de Mestrado de Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, marcada pelo caráter interdisciplinar. Constituída por um

---

1. COELHO, s/d. p. XXXVIII-LX.

arquiteto, alguns jornalistas, duas psicanalistas, uma professora de História e um bacharel em Filosofia, além dos estudantes de Letras, essa turma nos instigou a refletir sobre o lugar da Teoria da Literatura na sociedade atual, mais especificamente na América Latina. Pensar na constituição desse grupo é pensar no lugar ocupado pela Teoria da Literatura na Faculdade de Letras hoje e nas razões da afluência de alunos de áreas tão diversas. Faz-se necessário observar que, antes, não existia o Mestrado na mencionada área, e por isso, mesmo a maioria dos professores da disciplina têm Mestrado em Literatura Brasileira, com Doutorado em Teoria Literária em outras universidades ou em Literatura Comparada na própria instituição. Observe-se, no entanto, que temos no nosso corpo docente professores oriundos de outras áreas, mesmo da Medicina e da Engenharia, que reoptaram pelas Letras. Esses casos isolados foram substituídos por uma significativa procura pelos terrenos das Letras, mediados, importa ressaltar, pela Semiótica, que abriu as portas das escolas das belas letras para outros textos. Ressalte-se que os próprios alunos expressam sua consciência de que essa opção se dá pela busca do espaço da alteridade. Escolhemos, então, começar o curso com uma reflexão sobre a Semiologia como espaço de interação interdisciplinar e, para tal, selecionamos textos de Barthes, Derrida, Lacan e Todorov.

O curso se iniciou refletindo sobre a produção do sentido, e, como não poderia deixar de ser, privilegiando a questão do sujeito. Ao se colocar como sujeito incerto ou impuro, iniciando sua *Aula*<sup>2</sup>, Barthes insere-se com toda força na problemática da desconstrução do sujeito, problemática esta que atravessa toda a reflexão cultural contemporânea. Ao se propor ocupar um lugar “fora do poder”, em oposição ao lugar estratificado do saber acadêmico, ele se percebe como sujeito construído pela linguagem e, conseqüentemente, impossibilitado de libertar-se da cadeia poderosa da língua a sujeitar o falante/ouvinte. Mas enquanto enuncia essa impossibilidade, Barthes faz na prática o que defende com sua teoria: trapaceia com a linguagem. Parece-nos interessante, pois, relacionar essa impureza barthesiana com a impureza da turma, na sua possibilidade de (des)construção de saberes, bem como com o lugar da teoria da literatura na América Latina.

Um parêntese se faz necessário para melhor entender a proposição da desconstrução do sujeito. A crítica ao humanismo, o chamado fim da metafísica, alterou os horizontes filosóficos e epistemológicos de nossa época. Como se pode ver pela citação de Eduardo Prado Coelho, em seu prefácio ao

2. BARTHES, s/d.

livro *Estruturalismo*: Antologia de textos teóricos, já citado em epígrafe, progressivamente, o ser humano percebeu que não é o centro de lugar algum, nem de si mesmo. O pensamento contemporâneo tem como marca a diferença, a ruptura. Para se compreender tal afirmação, faz-se necessário percorrer os caminhos de Freud, Marx, Foucault, Deleuze, Derrida, o próprio Barthes e outros. Como bem sintetiza Eneida Maria de Souza,<sup>3</sup> a desconstrução do cogito racional, a “morte do sujeito” e o apagamento da origem são conseqüência da crítica à Filosofia, que afinal ocorreu dentro da própria Filosofia. Ao universalismo e positivismo anteriores, reagem a negação da origem, a percepção do outro, a marca da diferença.

Com Saussure, a Linguística introduz definitivamente a questão do signo tripartido, descolando-o da coisa, abrindo espaço para o Estruturalismo, que muda o perfil das Ciências Humanas, a partir da Antropologia de Lévi-Strauss. A relação linguagem/realidade vai-se alterando na medida em que se percebe que a linguagem não traduz o real, mas o constrói. O par significante/significado torna-se objeto de estudos de várias ciências e sua relação se altera, alterando com ela o significado de texto e de leitura. Na perspectiva lingüística, a arbitrariedade do signo, bem como seu caráter denotativo, levariam a uma leitura mais fiel daquilo que é dado como real. A esta se oporia a leitura do signo poético, conotativo, motivado. Aí o significado se abriria para uma gama de significações, a se ampliar no âmbito do sujeito, elemento fundamental da cadeia de interpretação.

O Formalismo, principalmente com Jakobson<sup>4</sup>, propõe a função poética da linguagem, com o centramento sobre a própria mensagem e uma leitura em que o eixo paradigmático incursionasse pelo eixo sintagmático, uma leitura metonímico-metafórica. Já não se busca, como na análise fenomenológica, uma essência do texto, suas unidades metafísicas ligadas à subjetividade do sujeito. O paradigma se inverte. Conforme François Dosse, não é a Antropologia que busca se aproximar do discurso filosófico, mas é a Filosofia “que se situa em relação à psicologia, à lingüística, à psicanálise”, abrindo “o campo filosófico à inteligibilidade do irracional, sob a dupla figura do louco e do selvagem”.<sup>5</sup> Com o Estruturalismo e o conceito de modelo, cai a noção de busca do sentido de um texto. A possibilidade de construção de vários modelos de um mito escancara os horizontes da leitura e abre espaço para o conceito de escritura.

3. SOUZA, 1991. p.34-40.

4. JAKOBSON, 1974.

5. DOSSE, 1993. p.43.

A chamada reversão do platonismo operada por Deleuze<sup>6</sup> ou o rompimento com o logocentrismo preconizado por Derrida<sup>7</sup> são estudos fundamentais para a discussão da questão da diferença. Ao romper com o reinado do modelo, propondo a soberania do simulacro, Deleuze subverte a hierarquia dos discursos e dos povos, bem como Derrida que desmitifica a origem, a *phoné*, consagrando o suplemento em seu deslocamento perpétuo. O real perde seus contornos, até mostrar sua impossibilidade na relação com o imaginário e o simbólico na teoria lacaniana. Retomando Freud sob a ótica da teoria de Lévi-Strauss, Lacan privilegia o significante e sua possibilidade de encadeamento infinito. É quando se rompe definitivamente com o predomínio do sujeito, e este se revela como uma construção de linguagem.

Essa questão requer uma discussão mais aprofundada da relação realidade/linguagem. O Marxismo reforça a concepção do real como processo e não como produto estável. A percepção de que o real é construído pelas relações dos homens com a natureza e com outros homens e de que, conseqüentemente, não existe um real em estado puro, mas que ele também é estruturado como linguagem, deslocou o lugar sacralizado dos discursos que se queriam objetivos, científicos e indiscutíveis. A afirmação de que não há fatos, mas versões do fato, altera o objeto da história e relativiza fronteiras dos discursos. Relendo o conceito marxista de História, Benjamin<sup>8</sup> propõe o rompimento do *continuum* do tempo histórico e substitui a idéia de um tempo vazio e homogêneo pelas imagens de *mônada* e de constelação. Imagens essas que contêm a idéia de estilização e, simultaneamente, a de cristalização.

Com alguma intercessão com a história marxista, embora com uma proposta experimental questionadora a História Nova, na França, revoluciona seu objeto, incorporando a diferença e abrindo espaço para o discurso do outro. Nesse sentido, propõe resgatar uma história outra, a dos vencidos. É então que atenta para o estudo do imaginário. Aí o mito, que já conquistara um espaço fundamental no discurso etnológico de Lévi-Strauss, – que já admitira “que toda sociedade está na história e que muda”<sup>9</sup>, passa a ser objeto de estudos ao lado da literatura. Diz Paul Veyne que o leitor de um livro de história deve saber, entre outras coisas, que: “Os povos denominados sem história são simplesmente povos cuja história se ignora e que os ‘primitivos’ têm um passado

6. DELEUZE, 1974.

7. DERRIDA, 1973.

8. BENJAMIN, 1987.

9. LÉVI-STRAUSS, 1976. p.268.

como todo mundo”<sup>10</sup>. E afirma Le Goff, citando Triulzi, que é preciso lutar pela democratização da memória social, “resgatando conhecimentos não-oficiais, não institucionalizados, que ainda não se cristalizaram em tradições formais... que de algum modo representam a consciência coletiva de grupos inteiros (famílias, aldeias) ou de indivíduos (recordações e experiências pessoais), contrapondo-se a um conhecimento privatizado e monopolizado por grupos precisos em defesa de interesses constituídos.”<sup>11</sup>

Ora, a mudança do objeto da história, motivada pelas contribuições da Etnologia, deveu-se à quebra do etnocentrismo e ao reconhecimento de que o outro existia e, com ele, a diferença.

Acho que já localizamos, mesmo que precariamente, o discurso de Barthes e sua proposição da literatura como trapaça, como jogo.

A literatura nasce da recusa da aceitação de que não há paralelismo entre o real e a linguagem, e dessa inadequação nasce o delírio. O real é o objeto do desejo da literatura e ela acredita sensato esse desejo do impossível. Daí sua função utópica. Daí a proposta utópica: “tantas linguagens quantos desejos houver”<sup>12</sup>.

Altera-se fundamentalmente a relação linguagem/realidade. Observe-se a subversão da hierarquia dos discursos operada quando Barthes propõe que a literatura é o espaço de todas as ciências em cujos interstícios ela trabalha. A literatura é a encenação mesma da linguagem e expõe o seu sujeito ou sua falta, que nada tem a ver com a ausência do sujeito postulada pelo discurso científico. Ao se exibir como simulacro, como saber da enunciação, exhibe-se como encruzilhada de todos os discursos. O advento do texto, enquanto objeto novo, promove um redimensionamento de todos os discursos, incitando a interdisciplinaridade.

E é com essa encruzilhada de discursos que trabalha a Semiologia, ciência dos signos. A partir da Lingüística e de sua desconstrução, a Semiologia relativiza os pares língua/discurso, significante/significado, sincronia/diacronia, sintagma/paradigma, e trabalha com o impuro da língua, com o refugio da Lingüística, com a corrupção da mensagem.

O sujeito que se sabe impuro elege um objeto impuro e um método

10. VEYNE, 1976. p.46.

11. LE GOFF, 1990. p.477.

12. BARTHES, s/d. p.25.

impuro, no sentido de que este não propõe ser um metalinguagem, mas uma reflexão sobre a ruptura ou, como diria Lacan, sobre a ferida. Barthes não quer tamponar a falta, mas lidar com ela. A força semiótica está em jogar com os signos em vez de destruí-los. Ele não se quer autor, mas leitor/autor, sujeito de papel. É nesse sentido que morre o autor, aquele que se pretende pai do livro quando busca traçar o caminho do leitor como mero descodificador da obra. Mas, agora, o leitor faz-se produtor de sentido. O jugo fascista da língua é posto em causa e abre espaço para o jogo a ser perpetrado pelo leitor/travessia, no texto/escritura/literatura.

Por isso é que, discutindo conceitos de leitura, em momentos diversos de sua obra, Barthes redimensiona o lugar do leitor e afirma: "... mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura"<sup>13</sup>.

E é este redimensionamento do lugar do leitor junto ao alargamento do conceito de texto que possibilita a interação entre disciplinas diversas, e, mais do que isso, altera o papel da Teoria da Literatura e seu objeto. Nesse panorama, faz-se indispensável refletir sobre a trajetória de Todorov,<sup>14</sup> que parte da especificidade do discurso literário para os estudos sobre a alteridade. Observe-se aí o papel fundamental de outro teórico, Mikhail Bakhtin<sup>15</sup>, com a abordagem da questão da polifonia na constituição da alteridade. O diálogo, retomado também por Kristeva<sup>16</sup>, passa a ser uma categoria básica tanto no campo da Teoria da Literatura como de outras disciplinas.

Em *A conquista da América*, texto importante para a reflexão da relação intercultural, Todorov lê textos escritos por Colombo e Las Casas, as descrições do Novo Mundo feitas pelos monges Motolinia, Dúran, Sahagún e os escritos, em línguas indígenas e em espanhol, de índios e mestiços. É então que tenta construir uma história diferente da conquista da América, através da inversão daquela escrita pelos vencedores. É ele mesmo que afirma buscar escrever uma história próxima do mito, para resgatar essa história perdida. Os textos consultados e o diálogo construído permitem ao teórico perceber uma retórica da colonização na qual as marcas de persuasão estabelecem o ritmo da

13. BARTHES, 1988. p.70.

14. TODOROV, 1989. Ver ainda do mesmo autor: 1979. p.502-513 e 1989.

15. BAKHTIN, 1981.

16. KRISTEVA, 1974 e 1988.

conquista do continente e de suas riquezas. Fica clara, em sua leitura, a intenção do conquistador assumir as terras descobertas não como o espaço do "outro", mas como o lugar onde o investimento da Coroa espanhola pudesse ser largamente compensado. A questão do outro, com as reflexões de Todorov, alcança, nos espaços colonizados, as propostas de reversão de uma história que os percebe como cópia degradada e alimenta a produção de discursos outros, propiciadores de rebeldia. É certo que em obra posterior, *Nous et les autres*, o mesmo autor parece voltar ao centro que ele quis desconstruir, quando, propondo uma forma de "humanismo bem temperado", acredita na possibilidade de as diversas etnias e sociedades alcançarem uma convivência harmônica.

Na América Latina, espaço colonizado, os teóricos da literatura, em função da desconstrução do pensamento logocêntrico, ou partem para uma revisão de suas posições, ou incomodados em seu lugar, recusam-se a pensar tais deslocamentos. Aí se insere, com toda força, a questão do modelo e da cópia, das fontes e influências, da dependência ou da autonomia e sua problematização.

Antônio Cândido,<sup>17</sup> há muito, discute o lugar da literatura de países subdesenvolvidos, mas não fala mais de dependência, refere-se antes a uma interação entre países do "primeiro e terceiro mundos" e, idealisticamente, vê em Cuba o espaço concreto para um diálogo autônomo dos escritores latino-americanos. A despeito da frustração do projeto socialista e da conseqüente inibição do postulad diálogo, cumpre reconhecer a propriedade do teórico de perceber que as produções culturais locais não podem ser ignoradas ou rotuladas de meras cópias de movimentos europeus, como insistem em fazer críticos ou ficcionistas atuais. Exemplifique-se com as confissões mal resolvidas de Carlos Heitor Cony, em jornal recente, onde afirma ter parado de escrever por saber que as grandes obras já foram escritas, e que no Brasil só se escrevem livros menores e inexpressivos.

Para questionar tal idéia, veja-se, por exemplo, a posição de Haroldo de Campos ao chamar de fatalismo autopunitivo a afirmação de que "a um país não desenvolvido economicamente, também deveria caber, por reflexo condicionado, uma literatura subdesenvolvida"<sup>18</sup>. É então que, em diálogo com Antônio Cândido, relativiza a noção de subdesenvolvimento, retomando Octavio Paz, quando este nomeia autores consagrados da literatura latino-americana e

17. CANDIDO, 1972.

18. CAMPOS, 1992. p.233.

questiona se eles poderiam ser chamados de subdesenvolvidos. Estendemos tal pergunta aos nomes dos próprios autores em questão. Silviano Santiago<sup>19</sup> também contribui para a descentralização de tal debate, redimensionando o lugar da cópia, responsável por deslocamentos de pretensos modelos, o que valeu um debate com Schwarz<sup>20</sup>, que insiste em afirmar que, querendo ou não, copiamos o “primeiro mundo” e que, enquanto não mudar a ordem social, nada mudará. Essa é a postura daqueles que insistem na fórmula de que é preciso esperar o bolo crescer para depois dividi-lo, em lugar de encarar nossas produções culturais em todas as suas contradições<sup>21</sup>. Flora Susekind<sup>22</sup>, por sua vez, fala da sensação de não estar de todo na cena, conseguindo expressar, com tal alegoria, o estranhamento que atravessa nossa cultura e seus sujeitos e/ou objetos. Estranhamento que, reiteramos, é necessário encarar ao invés de escamotear, já que ele incomoda não só a nós mesmos mas também aos outros.

Ampliando esse debate para fora do Brasil, e tomando a América Latina no sentido amplo, outros autores devem ser lembrados. Lezama Lima pensa a América como um “espaço gnóstico”, dotado de uma função ativa, transformadora, que se mostra como um discurso de resistência à assimilação e à descaracterização. A complexidade da escritura de Lezama Lima diz bem do seu desejo de expressar o que ele denomina “sobrenatureza”, ou seja, a penetração da imagem na natureza, o incessante complementar do entrevistado: “uma flor que forma outra flor quando nela pousa a libélula”<sup>23</sup>. A expressão americana seria então construída por uma infinidade de imagens, pelo descolamento contínuo dos significantes, pelos efeitos de refração e reverberação da idéia. O rebuscado barroco, barroco espermático, como bem caracteriza a tradutora da citada obra, Josely Vianna Baptista<sup>24</sup>, marcado pela acumulação hiperbólica de figuras, é território fecundo desse processo, que ele denomina tropológico, e com que busca tecer a história do continente americano.

Por outro lado, Alejo Carpentier, no prefácio do romance *El reino de este mundo*<sup>25</sup>, intenta alcançar a expressão da América *créole* através do real

maravilhoso, recurso literário com que busca traduzir a especificidade da cultura americana, ressaltando os seus contrastes com relação à Europa. Ao acentuar o caráter sincrético dessa cultura, define o real maravilhoso como um processo perceptivo hábil para apreender as ambigüidades e as metamorfoses da realidade americana. Em sua perspectiva, o maravilhoso tanto se revela como produto da percepção deformadora do sujeito – insistindo na ação realizada pelo olhar –, quanto se quer componente da realidade apreendida. Fundem-se desse modo, no conceito carpentiano, pontos de vista fenomenológicos e ontológicos para a resolução da aparente contradição entre o *mostrar* e o *deformar*, que parece problematizar o conceito. Por essa razão, o teórico salienta, nesse conceito, duas ações que o definem: o olhar pertinente, que o capta, e a ação que o descreve. É neste sentido que o autor cubano sugere ser a arte o espaço por excelência da percepção/recriação do maravilhoso e, desse modo, inscreve o conceito no espaço da literatura sobretudo. Embora com alguma diferença, aproxima-se do escritor haitiano Jacques Stéphen Alexis,<sup>26</sup> quando este explica o *réalisme merveilleux* do seu país como o elemento estético intuitivo com que se tenta apreender a estranheza maravilhosa da cultura *créole*.

Assim como Alexis, Carpentier percebe o maravilhoso em estado bruto no continente americano, “onde o insólito é o cotidiano” e com ele busca recuperar a América não contaminada pela racionalidade, povoada de mitos e lendas fantásticas que se mesclam aos fatos, inibindo uma apreensão meramente factual da realidade. Não se trata, portanto, como bem acentua Carpentier, de um regresso ao “real”, e isso pode ser observado, em seus romances, pelas constantes interseções do mito na História. Veja-se, por exemplo, o citado romance *El reino de este mundo*, em que a história da sublevação dos negros haitianos é recuperada não apenas pela pesquisa dos fatos, mas também pela magia das lendas. Tal recurso garante a circularidade do tempo mítico, quebrando a inexorabilidade dos fatos recuperados<sup>27</sup>. Torna-se evidente, na reflexão de Alejo Carpentier, a intenção de marcar, com o seu conceito, um valor de nomeação de uma realidade desconcertante e uma capacidade de descrever o existente que se mostra, paradoxalmente, como não-natural. Pensado como um mecanismo de auto-afirmação, o conceito toca na necessidade de se traduzir a América por outros meios que não os dos modelos literários europeus. Intenta, além disso, deslocar a visão européia do “locus” maravilhoso, que esvazia o Novo Mundo de sua especificidade e alocar, no continente, uma forma de ser que

---

19. SANTIAGO, 1978, 1982, 1987.

20. SCHWARZ, 1987.

21. WALTY, 1992/1993. p.119.

22. SUSSEKIND, 1990.

23. LIMA, 1993. p.82.

24. LIMA, 1993. p.114 (Pós-fácio)

25. CARPENTIER, s/d.

---

26. ALEXIS, 1956.

27. FONSECA, 1985.

o configura como uma outra coisa, distante da projeção que dele fizeram os conquistadores. É nesse sentido que o conceito carpentiano se aproxima da tessitura imagética de Lezama Lima, porque insiste na “recriação”, na produção de uma linguagem que seja capaz de expressar a exuberância da natureza americana. O barroco carpentiano, como o de Lezama, é a expressão natural de uma terra que se exhibe em seus excessos. Numa e noutra visão, percebe-se a importância dada à natureza como símbolo da identidade americana, desconstruindo, no entanto, a idéia de exotismo.

Deslocando a preocupação mais intensa com a natureza e dirigindo-a para as marcas da dominação na configuração da cultura americana, Edouard Glissant,<sup>28</sup> da Martinica, constrói uma reflexão importante sobre o processo histórico da dependência cultural e recupera teses sobre a mutilação do homem dominado, provocada pelos mecanismos repressores da colonização. O intuito do teórico é compreender o desejo do sujeito dominado de “ser outro que não ele” e, valendo-se da metáfora do “corpo despedaçado”, explicar a fragmentação da sua cultura como um processo dinâmico de produção de identidade. Utilizando-se das imagens do “Retour”, com que explica a obsessão pela volta à terra-mãe africana, ainda que simbolicamente, e do “Detour” – que se mostra nos mecanismos de estruturação da identidade negra das Antilhas – procura perceber os aspectos específicos da sua cultura. Desse modo, recupera a visão do continente americano como espaço de simbioses e transformações constantes.

No pensamento teórico de Glissant, a constituição da identidade americana passa a ser pensada como um processo relacional e não como a ruptura total, aliás impossível, com os países europeus. O seu conceito de “poética da relação” coloca-se como um projeto a ser vivido nos contatos culturais, na errância, no sair de si para alcançar o outro. Para Glissant, o sujeito, longe de perder-se num emaranhado de sentimentos pessoais sufocantes, é transversal, é raiz submarina, “un réseau qui s’étend dans tous les sens”, como afirma em *Le discours antillais*<sup>29</sup>. É ainda rizoma, “racine démultipliée, étendue en réseaux dans la terre ou dans l’air”, conceito que define, em *Poétique de la relation*<sup>30</sup>, o delineamento da identidade, passando pela interação, pela relação com o outro. Nesse sentido o teórico, recuperando postulados da Antropologia e da Psicanálise, reflete sobre os mecanismos que determinam a aproximação do outro e percebe-os em suas intrincadas significações. A imagem do rizoma permite-lhe pensar

que a identidade não está na raiz presa à terra, metáfora de que se serve o “Retour”, mas na relação, cujo símbolo é o deslocamento, cuja linguagem é tecida pelos significantes do múltiplo, pelo estilhaçamento do uno. Decorre dessa visão a utilização da linguagem como um ato político e o esforço por (des)territorializar o francês da metrópole, fazendo-o assumir os contornos expressivos do “créole”. A busca da palavra transgressora passa, então, pela produção de uma poética, a poética da relação, que liga o presente ao passado e o eu à memória coletiva, afirmando não o universal ou a transcendência sublimada, mas o transversal e o relativo.

A verbalização poética desse desejo de transformação dos lugares fixos, de construir com a literatura a terra fértil onde germinam as raízes em rede e os signos da cultura múltipla do que se denomina “marronage” será realizado, em diversos níveis em *Texaco*, de Patrick Chamoiseau<sup>31</sup>. A metáfora da História ou das Histórias como raízes de mandioca, utilizada por Chamoiseau, recupera a idéia do rizoma, já estudada por Deleuze quando discute a questão do paradoxo. A relação da narradora, Marie Sophie, com o urbanista e o marcador de palavras concretiza a poética da relação em sua expressão da diversidade.

Vargas Llosa, em *O falador*<sup>32</sup>, ao estabelecer analogias entre diversas culturas, ao descrever o processo de desdobramento de espaços e tempos, ao reduplicar as personagens num processo de espelhamento, um jogo de duplos, faz surgir uma outra analogia reveladora do jogo textual: à figura do falador funde-se a figura do escritor na sociedade moderna, em sua função de contar histórias. O jogo de vozes configura-se como uma tentativa de descobrir as raízes da mandioca.

Os textos analisados, fruto de um recorte, como não poderia deixar de ser, permitiram-nos pensar a questão da diferença, não através do mecanismo de oposições, mas como diálogo interativo. Seja na crítica, seja na ficção, o intelectual latino-americano lida com a falta de seu continente, busca signos que o falem, trapaceia com a linguagem e se perde, sujeito que é, nessa rede.

Não importa que nossos intelectuais tenham que sair do país para serem valorizados, ou melhor, é isto que importa, pois tal atitude revela mais uma de nossas contradições, mas revela também que no isolamento nenhuma cultura constrói sua identidade, pois esta é um processo em evolução e não um produto pronto e acabado. É no jogo entre culturas, subdesenvolvidas ou não,

28. GLISSANT, 1981.

29. GLISSANT, 1981. p.161.

30. GLISSANT, 1990. p.23.

31. CHAMOISEAU, 1993.

32. VARGAS LLOSA, 1988.

que as identidades se constroem, pois elas, como os signos, são elementos dessa cadeia maior de significantes a deslizar. Importa mais jogar com os signos, como faz Barthes, antes que traduzi-los ou interpretá-los. O texto latino-americano, como qualquer outro, se dá a leituras várias por leitores diversos: europeus ou latinos, letrados ou iletrados, arquitetos, psicanalistas ou jornalistas, professores ou alunos. Refletindo sobre a escassa teorização literária na América Latina, Costa Lima<sup>33</sup> exprime seu pessimismo quanto à sua significância no atual estado de coisas, percebendo que, enquanto atividade isolada, a crítica não tem força de mudança. No entanto, mesmo sem a garantia de tal força, cumpre refletir sobre nossa produção cultural enquanto outros que somos, integrando o debate sobre a alteridade.

Na Europa multiplicam-se, simultaneamente, conflitos envolvendo estrangeiros e obras que refletem sobre a questão do outro. Todorov e Kristeva, estrangeiros que são em Paris, elegeram esta como a problemática propulsora de suas reflexões teóricas mais recentes, como já foi mencionado. Congressos sobre a alteridade ocorrem por aqui e por lá, publicações sobre minorias étnicas, colonização e descolonização, integram nossas bibliotecas, e, principalmente, as européias. Teses acadêmicas ou debates jornalísticos voltam-se para a mesma questão nos níveis político-social, psicanalítico-existencial ou estético, integrando agora a discussão do pós-moderno em todas as suas implicações pós-industriais. Daí a atual discussão sobre a presença ou ausência das manifestações pós-modernas na América Latina, debate este integrado por Eduardo Coutinho<sup>34</sup>, quando discute a questão da presença, ainda recorrente, das grandes narrativas de origem, renegadas por alguns teóricos do pós-modernismo, convivendo com as micro-narrativas, fragmentadas e pasticheiras. As contradições existem, e devem ser encaradas, pois num continente onde ainda há lugares a que não se chega nem em lombo de cavalos, exhibe-se a telefonia celular. Concluindo, pode-se delinear o lugar ocupado pela Teoria da Literatura entre nós, como o espaço impuro de que fala Barthes. Impuro porque não estéril, mas múltiplo e rico em contradições.

33. COSTA LIMA, 1993. p.33-38.

34. COUTINHO, 1993. p.70-74

## ABSTRACT:

*This essay intends to make a reflection about the place of Literature Theory in Latin America. A metaphor of impurity, recovered from the studies of Roland Barthes, is the guide line for a trajectory which makes use of several texts to clarify the question of the subject and its implications in the search for a Latin American identity.*

## KEY-WORDS:

*Impurity's Spaces, Literature Theory, Latin American Literature, Cultural Identity.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXIS, Jacques Stéphen. Du réalisme merveilleux des Haïtiens. *Présence Africaine*. Paris, n.8, 9 e 10, p.241-271, juin-nov. 1956.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, s/d.
- BARTHES, Roland. *O rumor do língua*. Trad. Mario Laranjeiro. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. 3.ed. Trad. Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1: Magia e técnica, arte e política — ensaios sobre literatura e história da cultura.
- CAMPOS, Haroldo de. Do razão ontopofágica: diálogo e diferença no cultura brasileiro. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CANDIDO, Antônio. Literatura e subdesenvolvimento. In MORENO, César F. (Org.); *América latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo. Das novelas*. Rio de Janeiro: Livraria Páginio Ltda., s/d.
- CHAMOISEAU, Patrick. *Texaco*. Trad. Rosa Freire d'Aguar. São Paulo: Cia. dos Letras, 1993.
- COELHO, Eduardo Prado. *Estruturalismo: ontologia de textos teóricos*. Trad. Maria Eduarda Alves Collores et al. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- COSTA LIMA, Luiz. Teorização literária e situação latino-americana. *Terceira margem. Revista de Pós-graduação em Letras*. Rio de Janeiro: UFRJ, n.1, p.33-38, 1993.
- COUTINHO, Eduardo. O pós-modernismo e a ficção latino-americana contemporânea: riscos e limites. *Terceira margem. Revista de Pós-graduação em Letras*. Rio de Janeiro: UFRJ, n.1, p.70-74, 1993.
- DELEUZE, Gilles. "A reversão do platonismo". In \_\_\_\_\_. *Lógica da sensação*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fartes. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DOSSE, François. *História da estruturalismo*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio, 1993. (V.1. O campo do signo. 1945-1966).
- FONSECA, M. Nazareth Soares. Henri Christophe: Mito e História. *Ensaios de Semiótica*. n° 14, 1985.
- GLISSANT, Edouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Poétique de la relation*. Paris: Gallimard, 1990.
- JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. *Linguística e comunicação*. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1974.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. Trad. Lúcia Helena França. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Etrangers à nous-mêmes*. Paris: Foyard, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Editor da UNICAMP, 1990.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Trad. Maria Celeste do Costa e Sousa e Almir de Oliveira Aguiar. 2.ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- LIMA, Lezama. *Fugadas*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1993.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nas trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

- . *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.  
SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das letras, 1987.  
SOUZA, Eneida Maria. Sujeito e identidade cultural. *Revista brasileira de literatura comparada*. Niterói, v. 1, p.34-40, 1991.  
SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.  
Todorov, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Trad. Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.  
———. Bakhtin et la alterité. *Poétique*. Paris: Seuil, n.40, p. 502-13, 1979.  
———. *Nous et les autres: la reflexion française sur la diversité humaine*. Paris: Seuil, 1989.  
VARGAS LLOSA, Mario. *O falador*. Trad. Remy Gorgo, Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.  
VEYNE, Paul. Tudo é histórico, portanto a história não existe. in SILVA, Maria Beatriz da (org.) *Teoria da história*. São Paulo: Cultrix, 1976. Trad. da organizadora.  
WALTY, Ivete L. C. Cópia ou ruptura; um movimento pendular". *Ensaio de Semiótica*. n.26, 1992-93.

# LITERATURA E PSICANÁLISE: REPENSANDO A INTERDISCIPLINARIDADE

Ana Maria Clark Peres  
UFMG

A psicanálise aplicada a obras de arte, literárias, plásticas, como também a acontecimentos históricos e, cada vez mais, a fatos e gestos, às cidades e aos campos, aos animais e às pessoas, dá freqüentemente uma impressão de gratuidade na interpretação, acompanhada por uma certeza de identificação. Instala-se diante da obra e descobre-se um autor atrás, acima, abaixo, ao lado dela. Busca-se, busca-se e acredita-se ter achado.

François Regnault

## RESUMO:

*Este ensaio tem como objetivo repensar questões relativas à interdisciplinaridade, buscando compreender a interlocução Literatura/Psicanálise enquanto vivência de experiências, ou seja, a partir de uma implicação radical no processo analítico e na leitura de um texto literário.*

## PALAVRAS-CHAVE:

*Interdisciplinaridade, Psicanálise, Criação Literária, Leitura.*

## O comparativismo e a interdisciplinaridade — uma interlocução com a Psicanálise

Dentre as variadas possibilidades de pesquisa que os estudos de Literatura Comparada nos oferecem atualmente, é meu desejo repensar neste momento questões relativas à interdisciplinaridade, ou seja, compreender o comparativismo — ou uma faceta dele — enquanto cotejamento de áreas